



Memórias do Jornalismo na Rádio Imperatriz: Relato dos Comunicadores ¹

Nayane Cristina Rodrigues de BRITO ²

Roseane Arcanjo PINHEIRO ³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

Resumo:

Uma das características do rádio é a proximidade com o ouvinte. O radiojornalismo surge como uma forma de utilizar o veículo não apenas enquanto um elemento de entretenimento ou companhia para muitos, mas como um meio de comunicação capaz de informar e mobilizar uma sociedade. Este artigo faz parte do projeto de pesquisa “Comunicação em Imperatriz: As Vozes dos Jornalistas (1932 – 2008)”, financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico no Maranhão – FAPEMA. Objetivamos compreender as práticas jornalísticas na Rádio Imperatriz Sociedade Limitada, a pioneira da cidade, a partir das reminiscências de comunicadores que trabalharam na emissora. Fizemos uso de pesquisa bibliográfica, método histórico e da técnica de história oral. A partir dos relatos, apreendemos que a emissora tinha um jornalismo atuante que conviveu com desafios de sua época.

Palavras-chave: Rádio Imperatriz; Radiojornalismo; Memória; História.

Informação e Formação: Radiojornalismo

O rádio como um meio de comunicação faz parte do cotidiano da maior parte da população brasileira. Para Gisela Ortriwano (1985) é o meio de comunicação de massa mais popular e o de maior alcance público, tanto a nível nacional quanto mundial, sendo na maioria das vezes o único veículo a levar informações para populações distantes que muitas vezes não tem acesso a outros meios de comunicação.

A autora traça algumas características próprias do rádio, tais como: a linguagem oral, penetração, mobilidade sob o ponto de vista do emissor e do receptor, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFMA-Campus Imperatriz, email: brito.n.c.r@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora assistente do curso de Jornalismo da UFMA-Campus Imperatriz. Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, email: roseane_arcanjo@yahoo.com.br.



Barbosa (2003) acrescenta a essas características a intimidade que o rádio tem de falar para cada indivíduo, o regionalismo, a simplicidade do veículo, sua função social e comunitária, sendo um agente de informação e formação do coletivo. Logo, “desde a sua gênese vem se firmando como um serviço de utilidade pública, o qual exerce uma comunicação que em muito contribui para a história da humanidade” (BARBOSA, 2003, p. 49).

Nessa discussão sobre a comunicação no rádio, Barbosa (2003) nos fala sobre os gêneros radiofônicos que estão relacionados aos objetivos das expectativas de audiência. Entre esses gêneros está o jornalístico, que daremos destaque nesse trabalho. O gênero jornalístico “é um instrumento que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio de divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (BARBOSA, 2003, p. 89).

Assim, segundo o autor esse gênero apresenta-se no rádio em vários formatos, são eles: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo e divulgação tecnocientífica.

Através desses formatos é produzido e veiculado o jornalismo no rádio para serem tratadas questões de interesse público e geral. Essa prática é denominada de radiojornalismo. Para Meditsch, em sua obra “O Rádio na Era da Informação” (2007), o jornalismo afasta-se da arte, mesmo utilizando a linguagem do rádio, pois “o jornalismo tem, como ideal, a reprodução fiel de uma realidade exterior a que se refere” (MEDISTSCH, 2003, p. 175).

Em seus estudos Meditsch (2007) faz uma análise de como a informação jornalística transmitida pelo rádio se diferencia dos demais meios de comunicação. Defende que os conteúdos sonoros, de cunho jornalístico, podem potencializados através do respeito às características do meio radiofônico. “O rádio informativo não é apenas um novo canal para a mesma mensagem jornalística, é também um jornalismo novo, qualitativamente diferente, e a designação diversa procura dar conta dessa transformação” (MEDISTSCH, 2003, p. 30).

O autor coloca que a prática jornalística no rádio revigora o acesso da população à realidade imediata na qual está imersa:

O rádio informativo fala de coisas que, anteriormente, não eram notícia (a hora certa, por exemplo) e revoluciona a idéia de reportagem com as transmissões ao vivo. Aprofunda e contrapõem ideais e opiniões com facilidade e orienta as massas urbanas como o cão de um cego. Põe em contato os mais remotos



pontos do interior e concede espaço para o receptor se manifestar como nenhum outro meio. É um serviço quase sempre gratuito que não toma tempo nem monopoliza a atenção do público. E é assim: mesmo sem palavra escrita e sem imagens, suporte que, para muitos, parecem esgotar todo mundo da informação de nosso tempo (MEDISTSCH, 2003, p. 31).

Gisela Ortriwano (1985) corrobora com Medistch na ideia de que o jornalismo no rádio se distingue de outros meios, principalmente pela rapidez em que ele pode transmitir uma informação. A autora relata que o rádio foi o primeiro meio de comunicação de massa que deu imediatismo à notícia, ao divulgar um fato no momento exato que ele acontece.

Permitiu que o homem se sentisse participante de um mundo muito mais amplo do que aquele que estava ao alcance de seus órgãos sensoriais: mediante uma “ampliação” da capacidade de ouvir, tornou-se possível saber o que está acontecendo em qualquer lugar (ORTRIWANO, 1985, p. 84).

O rádio, a partir de suas características, propicia uma interface da prática jornalística e a construção de um conhecimento sobre o cotidiano, uma vez que a “informação, bem entendida, de fatos atuais, correntes, que merecem o interesse público, porque informar sobre fatos passados é fazer história e o jornalismo, como assinala Rafael Mainar, ‘é a história que passa’” (BELTRÃO, 1986, p. 65).

Beltrão (1986) observa que o jornalismo não se dirige a uma única pessoa, em essência é voltado para a coletividade, o interesse comum, temas que perpassaram o dia-a-dia da sociedade. “É uma informação de fatos correntes, de acontecimentos registrados em qualquer setor da vida social” (BELTRÃO, 1986, p. 69).

O exercício jornalístico, segundo o pesquisador, está condicionado à liberdade e a responsabilidade no exercício da profissão, calcada no saber específico dos profissionais, nas condições históricas, na repercussão jurídica, ética e moral do fazer jornalístico.

E esses agentes do jornalismo são responsáveis por fornecer à sociedade o relato dos acontecimentos julgados significativos e interessantes, do ponto de vista do interesse público (TRAQUINA, 2005). O autor acrescenta que o “jornalismo é uma profissão de enorme responsabilidade social, exigente, difícil e, em última análise, perigosa, em que os jornalistas enfrentam decisões sob intensas pressões” (TRAQUINA: 2005, p. 31).



Sousa (1999), em as “Notícias e seus Efeitos”, acredita que a produção da notícia está condicionada pela interação de várias forças: sujeitos sociais, sistema social, ideologia, cultura, meio físico e tecnológico e a história.

Para a realização desta pesquisa, que objetiva conhecer o jornalismo praticado na Rádio Imperatriz AM, a partir das narrativas de comunicadores que atuaram na emissora. Damos voz a esses agentes para tentarmos compreender a atuação dos profissionais, o fazer jornalístico, o processo de produção da notícia, a apuração e a transmissão das notícias para os ouvintes.

Foram eles: Aldeman Araújo Costa, Amaral Vieira dos Reis, Conor Pires Farias, Josafá Oliveira Ramalho, José de Arimatéia Alves Vieira, Juscelino Santiago, Maria Perpetua Socorro Oliveira Marinho, Marcelo Rodrigues Cardoso. Todos os depoimentos foram gravados e transcritos para a elaboração deste artigo.

Memória como Fonte Histórica

Na tentativa de compreendermos o jornalismo da Rádio Imperatriz e na ausência de uma bibliografia sobre a história do jornalismo nessa emissora, utilizamos a memória de comunicadores que fizeram parte da trajetória da rádio como uma fonte histórica.

Como meio de comunicação na transmissão das memórias (BURKE, 2006) valorizamos a tradição oral. Assim utilizamos a história oral como uma técnica de pesquisa. “É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidencia de fatos coletivos”. (THOMPSON, 1992, p. 17).

O historiador francês Paul Veyne (1971) apresenta reflexões sobre a história enquanto algo feito da mesma substância que a vida de cada um de nós. “A história é a narrativa de acontecimentos verdadeiros. Nós temos desta definição, um facto deve preencher uma só condição para ter a dignidade da história: ter acontecido realmente”. (VEYNE, 1971, p. 21).

Veyne (1971) acredita que não existe acontecimento em si, mas somente em relação a uma concepção do homem externo. Para o autor:

Um acontecimento só é conhecido por vestígios, e que todos os factos de toda a vida de todos os dias são vestígios de qualquer acontecimento (quer esse acontecimento seja catalogado ou durma ainda na floresta do não-acontecimental) (VEYNE, 1971, p. 34).



E acrescenta:

Existe uma história popular que tem o seu repertório consagrado: grandes homens, episódios célebres; essa história está em todo lado à nossa volta, nas placas das ruas, na base das estátuas, nos escaparates das livrarias, na memória coletiva e nos programas escolares; esta é a dimensão sociológica do gênero histórico (VEYNE, 1971, p. 62).

Essa nova forma de conhecer a micro-história se deu a partir da Escola dos Annales, em que passa a estudar não apenas os grandes acontecimentos, das histórias dos tratados, batalhas e dos grandes heróis, mas também a história dos marginalizados.

E para contar a história daqueles que por vezes não tiveram espaço na história tradicional o uso da memória surge como uma fonte histórica uma vez que “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante tem um futuro que é parte integrante e significativa da história”, (LE GOFF, 2003, p. 25).

Para Le Goff (2003) a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. O autor aconselha que o uso da memória coletiva seja uma forma de libertação e não de servidão dos homens.

Hasbwachs (2006), em a “Memória Coletiva”, divide memórias individuais e memórias coletivas. Essa última é construída a partir dos grupos sociais. Portanto, a memória da Rádio Imperatriz AM é construída a partir das reminiscências e fragmentos que os entrevistados selecionaram como dignos de serem lembrados e da forma como serão lembrados.

“Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós tivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”, destaca Hasbwachs (HASBWACHS, 2006, p. 30).

Portanto, a memória individual e a memória coletiva mesclaram-se no ato de falar de si, de rememorar suas lembranças, seu passado, ao reconstituir seu fazer enquanto indivíduo e ser social (Halbwachs, 2006, p.41).

Montenegro (2007) destaca que a história oficial está nos livros e nos documentos, nos filmes e nos discursos de dirigentes. Mas ao lado do que a escrita e a imagem registram, existe uma outra visão dos acontecimentos através da memória.



Como tudo começou: as primeiras experiências de rádio no Brasil

O dia 7 de setembro de 1922 é considerado o marco da primeira transmissão radiofônica ocorrida no Brasil durante a comemoração do Centenário da Independência do país. Mas, “muito antes do presidente Epitáfio Pessoa, outra voz foi transmitida sem fio e a uma distância maior do que oito quilômetros, a do padre Landell de Moura” (GONTIJO, 2004, p. 355).

Portanto, vinte e dois anos antes do Centenário da Independência, o padre Landell havia realizado a primeira demonstração de seu invento através de uma transmissão entre a Avenida Paulista e o bairro de Sant’Anna em São Paulo. O experimento foi feito sem a ajuda de fios, através da irradiação de uma onda eletromagnética. Isso em junho de 1900. (GONTIJO, 2004).

Apenas em 1923 é que se tem registro da primeira emissora de rádio do Brasil. Inaugurada em 20 de abril, na capital carioca, ficou conhecida como Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette Pinto, considerado por muitos como o “pai do rádio brasileiro”.

Em uma época na qual o país ainda se encontrava na República Velha, os pioneiros do rádio, com o idealismo de mudarem a realidade do país, tinham como slogan “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”. Ferraretto (2001) compartilha a definição de Roquette Pinto quanto ao novo veículo:

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado (Ferraretto, 2001, p. 97).

Mesmo com o desenvolvimento tecnológico e as inúmeras mudanças na programação das emissoras de rádio, a definição de Roquette Pinto continua atual.

A partir da década de 1930, o veículo se expande por grande parte do território brasileiro. Ortriwano (1985) destaca que inicialmente as despesas do rádio eram pagas através de doações, das mensalidades daqueles que possuíam os aparelhos receptores, e raramente por inserção de anúncios pagos, algo proibido pelo governo da época.

Mas após a Revolução de 1930, quando ocorreram mudanças políticas, econômicas e sociais no país, o rádio passa a ser visto como um veículo de poder,



utilizado pelo então presidente da época Getúlio Vargas, em proveito próprio como estratégia política. Um impulso para proliferação das rádios foi a publicidade:

A comercialização de espaços publicitários pelas emissoras, para, em contrapartida, utilizar o rádio como veículo propagandístico. A medida revolucionou o rádio brasileiro. Surgiram investimentos que aprimoraram os equipamentos e a consequência natural foi a concorrência e a popularização da programação. O rádio viveu suas décadas de ouro (30 e 40), oferecendo basicamente informação e entretenimento.⁴

Homenagem aos índios: Rádio Timbira

É nesse período do governo de Getúlio Vargas, época de ouro do rádio, que o Maranhão ganha a sua primeira emissora de rádio, chamada de Rádio Difusora implantada na capital, São Luís. Mas apenas em 14 de abril de 1941 é que ocorre a inauguração solene da emissora. Durante a cerimônia houve o pronunciamento do interventor Paulo Martins de Sousa Ramos, com um alcance de sessenta municípios do Maranhão (PINHEIRO, 2005).

Roseane Pinheiro (2005), em seu artigo “Nas ondas da pioneira” no jornal O Estado do Maranhão, destaca que a implantação da emissora se deu a partir das solicitações do interventor Paulo Ramos. “Foi concedido para a rádio oficial o prefixo PRJ – 9, que ocupou a onda média (amplitude modulada), sendo sintonizada através de 1940 quilohertz” (PINHEIRO, 2005, p. 3).

A pesquisadora constatou que a presença do técnico mato-grossense Édson Brune responsável da montagem da emissora, foi fundamental para a sobrevivência do rádio maranhense.

Em 1944 a rádio volta a se chamar Timbira, ao deixar de fazer parte do patrimônio Estadual para inserir-se nos Diários Associados, na época a maior cadeira de comunicação do país, de responsabilidade do jornalista Assis Chateaubrind, no período com a intenção de se eleger senador do estado.

Na década de 1950 a rádio tinha em seu quadro de locutores personalidades como Ferreira Gular, Carlos Celsos, Américo de Souza, entre outros. “Firmando um elo importante na vida dos cidadãos maranhenses da capital e do interior, levando notícias, educação e lazer” (PINHEIRO, 2005, p. 3).

Ao longo de sua trajetória a Rádio Timbira passou por momentos marcantes. Ficou fora do ar entre os anos de 1957 a 1961. Em 1965 recebeu o diploma Lions

4. VELHO, Ana Paula Machado. **A Linguagem do Rádio Multimídia**. p. 3. www.bocc.ubi.pt. Acessado em 24 de abr. de 2010.



Internacional Brasil. “Hoje ela não dispõe de verba para o seu funcionamento. Mesmo assim, ela divulga os eventos governamentais, os informativos do Estado e arrenda alguns horários para cobrir despesas” (PINHEIRO, 2005, p. 3).

Memórias de uma rádio: Rádio Imperatriz Sociedade Limitada

Já em Imperatriz, cidade localizada a oeste do Maranhão, a primeira emissora de rádio legalizada, a Rádio Imperatriz Sociedade Limitada, foi ao ar em 28 de outubro de 1978, em meio à censura instaurada nos meios de comunicação através do Ato Institucional nº 5.

Por outro lado, o contexto local favoreceu a implantação da rádio. A cidade se encontrava em um momento de expressivo crescimento econômico, com desenvolvimento acelerado e desordenado.

Como constatou o pesquisador Sanches:

A década de 70 (1970/1979) foi a de maior crescimento na história de Imperatriz. Pode-se dizer, até, que a estrutura demográfica e econômica do município foi assentada nesse período. Por exemplo, em 1970 Imperatriz iniciou a década com uma população de 80. 722 habitantes. Dez anos depois em 1988, o município estava com 220. 469, quase três vezes mais (SANCHES, 2003, p.).

Foi a partir do convite de Edison Lobão, para implantar uma rádio em Imperatriz, que Moacyr Spósito Ribeiro esteve no município em 1977 conhecendo a região. Ao perceber as possibilidades econômicas do local, Moacyr decidiu concorrer à licitação de uma rádio para a cidade. A concessão, com o apoio político, foi obtido pelo empresário.

Na época, Edison Lobão era candidato a deputado federal e tinha o apoio do senador e ex-ministro Enrique de La Roque. Esse trecho da história é lembrado pelo jornalista e radialista Marcelo Rodrigues Cardoso, um dos locutores da rádio. “Era um projeto do Lobão, o Lobão era sócio dele na rádio”.⁵

Moacyr Spósito vem então de Fernandópolis, no estado de São Paulo, para Imperatriz. O proprietário da rádio pioneira do município já tinha experiência com rádio, pois sua família possuía uma emissora na cidade de onde veio.

⁵ CARDOSO, Marcelo Rodrigues. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.



Relembra Marcelo Rodrigues: “ele mostrou que conhecia e fez um trabalho bem feito na cidade, montou inclusive uma rádio com a capacidade de dar uma resposta para a cidade à altura das necessidades de Imperatriz e da região”.⁶

A emissora começou com uma potência de 1000 watts, era ZYH – 890, AM e sintonizava na frequência 570 Khz, o som era transportado a partir de linha física, através da companhia telefônica do estúdio até os transmissores. A potência passou para dez mil watts dez anos depois.

“Ela cobria praticamente toda a região tocantina e alcançava alguns municípios do estado do Tocantins, do estado do Para e no Maranhão. Cobria mais ou menos em torno de 25 municípios da região no Maranhão”, lembra Marcelo Rodrigues.⁷

Segundo um dos operadores de áudio que passou pela emissora, Juscelino Santiago, a Rádio Imperatriz tinha os equipamentos básicos para funcionar, material que era utilizado nas grandes rádios da época. Inicialmente instalada no Centro de Imperatriz, na rua Dorgival Pinheiro de Sousa, a rádio possuía um estúdio dividido entre a sala técnica onde ficava o operador de áudio e do outro lado a cabine de locução; uma sala de produção também conhecida como sala de gravação; uma discoteca; um departamento de esporte; de jornalismo e artístico.

Conor Farias, um dos repórteres da rádio, descreve a estrutura:

Era uma rádio muito bem instalada, não tinha equipamento moderno na época, na parte de máquina de escrever era datilografia, gravadores. Então ainda era um pouco atrasada a modernidade do país, mas era bem estruturada.⁸

Para manter a rádio no ar trabalhavam um operador de áudio, repórteres, locutores de programas jornalísticos, esportivos e de entretenimento, redatores, diretores, entre outros. Inicialmente a maioria dos comunicadores eram oriundos de outros locais, como destaca Aldeman Costa:

Tudo eram locutores de fora. Na época tinha o Marcelo Rodrigues que veio de São Luis, o Alberto Chaves que veio de Belém, o Paulo Roberto que veio de Goiânia, Manuel Cicílio que veio de Belém, era esse grupo todo atual, uns que eram da Timbira, muita gente de fora, daqui de Imperatriz só tinha mesmo eu e o Corro.⁹

⁶ CARDOSO, Marcelo Rodrigues. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.

⁷ Id. Idem.

⁸ FARIAS, Conor Pires. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.

⁹ COSTA, Aldeman Araújo. Entrevistadoras: Gizelle Macedo, Larissa Santos, Nayane Brito e Thays Assunção. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2009.



Em 2005, após a morte do proprietário, a emissora foi vendida para a Associação Cidade Esperança. A programação voltou-se para o público evangélico. Nesse estudo verificamos apenas a primeira fase da rádio.

O Jornalimo na Rádio Imperatriz

Com um departamento de jornalismo, a Rádio Imperatriz AM agia de maneira atuante na sociedade imperatrizense, ao informar a população sobre os fatos do dia-a-dia; denunciar os problemas da época e ao mesmo tempo cobrar das autoridades providências e debater a partir dos clamores da sociedade.

A equipe do jornalismo era formada pelo diretor de jornalismo, pauteiro, repórteres e os apresentadores. Marcelo Rodrigues, que atuou na rádio durante cerca de cinco anos, descreve que a produção da notícia nos primeiros anos da rádio não era fácil. Na época a emissora ainda não possuía computador. Mas o trabalho era dividido entre os que elaboravam as pautas e os repórteres.

Para ajudar nas entrevistas e facilitar o trabalho dos repórteres, a emissora utilizava o telefone. “Tinha o recurso do telefone, que tinha um sistema de gravação na rádio que você ligava para determinada pessoa e você fazia a entrevista com ele por telefone e gravava aquela entrevista. Editava e colocava no jornalismo”.¹⁰

Então, quando era umas 11h45, o Sérgio Macedo já entregava para os apresentadores que era o Roberto Chaves e o Moacyr Spósito o jornal com toda a edição. Juscelino Santiago, que era o operador, fazia toda a edição das reportagens, os cortes que tinha que ser feito, as vinhetas de passagem, estava tudo montado em fita de rolo. Isso era apresentado em gravador de rolo, hoje não é apresentado mesmo no computador.¹¹

A emissora conquistou a credibilidade da sociedade imperatrizense, a partir da sua programação, e principalmente com seus programas jornalísticos. Rodrigues ressalta: “o forte da Rádio Imperatriz era o jornalismo, era um jornalismo feito com responsabilidade, tanto no jornalismo esportivo que tinha exatamente essa divisão, o Moacyr ele contratava as pessoas certas para o lugar certo”.¹²

¹⁰ CARDOSO, Marcelo Rodrigues. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.

¹¹ Id. Idem.

¹² CARDOSO, Marcelo Rodrigues. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.



Entre os programas jornalísticos lembrados pelos atores da pesquisa está o “Café da Manhã”, transmitido das 8h00 às 9h00 e apresentado por Moacyr Spósito e Roberto Chaves. Esteve no ar durante aproximadamente três anos. Era um momento de debate, com entrevistas no estúdio e a participação da sociedade direto das ruas. Essa participação se dava através do quadro “Tribuna Popular”. José de Arimatéia, que na época trabalhou como repórter, recorda:

Café da amanhã era de muita opinião, a gente batalhava nas ruas da cidade com um carro de som que interligava com o estúdio e denominava-se Tribuna Popular, daí o ancora do programa, que era o proprietário da emissora, o Moacyr, ele iria tecer comentários a respeito daquilo que fora dito direto das ruas, ouvindo a opinião pública.¹³

Arimatéia Junior, como é conhecido atualmente na mídia local, relata que o quadro “Tribuna Popular” virou um programa e “alcançou o seu espaço”, o que se pode imaginar que era bem aceito pelos ouvintes.

Outro programa de grande destaque foi o “Jornal 890”, também conhecido como o “Grande Jornal”, transmitido ao meio dia e apresentado por Manoel Cecílio e Moacyr Spósito. Este programa permaneceu no ar até o final da primeira fase da emissora. Josafá Ramalho rememora esse jornal:

Então o “Jornal 890” era a menina dos olhos do Moacyr Spósito e era referência na cidade, muito badalado. Naquela época se costumava dizer que se o “Jornal 890” dizia era verdade e se não saía no “Jornal 890” não era divulgado, não existiu.¹⁴

A primeira matéria realizada por Ramalho na rádio foi para esse jornal. O tema era um lixão que se formou em um terreno baldio na cidade. Ramalho destaca que a população reclamava da situação. Matérias com denúncias eram constantemente realizadas pela equipe de jornalismo da rádio.

De hora em hora havia o noticiário dos fatos ocorridos naquele espaço de tempo: “então se eu estava entrando, eu lia o bloco de notícias do horário e da saída também do meu horário (...) A gente lia, tinha o pessoal do setor jornalístico que produzia os noticiários e nós líamos, praticamente todos faziam esse mesmo processo”.¹⁵

¹³ VIEIRA, José de Arimatéia Alves. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.

¹⁴ RAMALHO, Josafá Oliveira. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.

¹⁵ MARINHO, Maria Perpetua Socorro Oliveira. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.



Para os amantes do esporte, a rádio apresentava um programa de esporte, depois do jornal do meio dia e à noite. Com notícias sobre os campeonatos, jogos, times, incentivo à participação dos times locais em eventos esportivos, entre outros assuntos.

A rádio também enviava representantes para a cobertura de jogos, geralmente quem participava desse trabalho era o jornalista Marcelo Rodrigues. A emissora cobriu jogos no Maracanã, Morumbi, Serra Dourada e Mineirão. Acompanhou ainda representantes locais em competições regionais. Isso com a contribuição de patrocinadores. Segundo Rodrigues, por apenas um desencontro de informação a Rádio Imperatriz não participou da Copa do Mundo de 1982.

O jornalismo esportivo não foi o único a cobrir grandes eventos. A emissora participou da cobertura da promulgação da Constituição Federal pelo então repórter da época, Conor Farias:

Nós saímos daqui de Imperatriz e fomos credenciados no Congresso Nacional. Na coletiva daqui você conhece todo mundo, a facilidade é maior (...) E der repente, você sai do interior para competir com um universo de jornalistas como foi a cobertura da Constituição Federal. Eu sentia assim, fugir a terra dos pés.¹⁶

Nota-se que na época os jornalistas da rádio desafiavam seus próprios medos e se arriscavam em busca da notícia. A emissora não tinha um carro disponível para reportagens, quando a matéria era feita em local distante, o proprietário levava o repórter, ou seja, “quem tinha bicicleta era luxo naquela época, quem tinha moto então. Se andava a pé”.¹⁷

Durante a visita do presidente da República, Ernesto Geisel, no regime militar, Aldeman Costa ficou encarregado de entrevistar o presidente, mas na ânsia do momento, o repórter desafiou a segurança e foi em busca de um furo de reportagem:

Eu pratiquei uma loucura, quando o avião foi terminando de ooni, o caba fez assim, que ficaram as marcas do avião, eu ultrapassei o cerco e corri no rumo do avião, e os cara disse ‘ó esse cara é louco, é doido ó’. Eu passei na carreira saí correndo sozinho com o microfone na mão e os fios despontando pra todo canto, na hora que o presidente desceu do avião o primeiro que entrevistou ele fui eu (...) Pensei logo atirar em mim eles não vão, na chega do presidente e atirar num repórter que vai entrevistar o presidente, num tem nem fundamento, né. Eu coloquei isso na cabeça e fui.¹⁸

¹⁶ FARIAS, Conor Pires. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.

¹⁷ REIS, Amaral Vieira dos. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.

¹⁸ COSTA, Aldeman Araújo. Entrevistadoras: Gizelle Macedo, Larissa Santos, Nayane Brito e Thays Assunção. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2009.



Os jornalistas por vezes também desafiaram o regime político, enfrentaram ameaças e tentativa de morte, mesmo assim continuaram atuando. Um dos casos ocorreu com Moacyr Spósito durante a ditadura militar. Ele foi preso dentro do estúdio da rádio, por criticar a atuação da Polícia Federal na cidade. Segundo Rodrigues, o proprietário da emissora ficou preso por doze horas, nessa ocasião a Rádio Imperatriz ficou fora do ar, a partir da intervenção de políticos, ele foi solto.

Nos anos de 1980, a violência cresceu de forma expressiva na cidade de Imperatriz, época na qual ocorriam crimes por encomenda, prática que ficou conhecida como “pistolagem”. Conor Farias relata que tinha certo grupo de pessoas definidas como comandantes do crime, que eram intocáveis, ou seja, ninguém tinha coragem de denunciar ou falar algo sobre eles. Mas foi exatamente a Rádio Imperatriz que quebrou o silêncio e passou a denunciar o crime de pistolagem.

Moacyr Spósito proprietário da Rádio Imperatriz era um homem muito destemido nessa parte, era uma pessoa muito corajosa e a gente tá ali junto com ele também começou até aquela mesma linhagem de coragem e de achar que as coisas ruins, erradas tinham que ser denunciadas.¹⁹

Conor Farias tem esse momento marcado na memória, por ter sofrido atentado de morte após divulgar uma denúncia que acusava pessoas próximas ao deputado estadual Davi Alves Silva, de crimes de pistolagem.

Então quando eu me vi diante do carro saindo e quando chegou três homens atirando, você dentro do carro querendo sair e ver a arma de fogo vomitando, o revólver vomitando fogo na sua frente, aí a estrutura da pessoa acaba, quer sair, dar tremedeira nas pernas, fica nervoso.²⁰

Nesse período os jornalistas chegaram a ser ameaçados de morte, em um episódio: “O cidadão adentrou a emissora e foi até o departamento de jornalismo, botou o revólver na mesa e exigiu que não mais fosse feita qualquer crítica ao parlamentar que ele defendia na época”.²¹

A emissora também fazia a cobertura de eventos, como por exemplo, o carnaval. Segundo Marcelo Rodrigues a emissora acompanhava os três dias de carnaval, durante

¹⁹ FARIAS, Conor Pires. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.

²⁰ Id. Idem.

²¹ VIEIRA, José de Arimatéia Alves. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.



24 horas. “Os repórteres o todo tempo dando informações da delegacia, dos hospitais, dos locais de atividades do carnaval”.

A rádio contribui pra vinda da instalação da Polícia Federal, a rádio contribuiu pra mudança de comando do policiamento em Imperatriz, a rádio Imperatriz marcou época no combate a corrupção de policiais na cidade, em alguns setores como o da rodoviária e outros (...)

Então através dos reclames da Rádio Imperatriz, das denúncias veiculadas pela Rádio Imperatriz, as autoridades Estaduais, Municipais e até Federais se alertavam para o processo de mudança de tudo aquilo que estava sendo denunciado.²²

Diante das memórias apresentadas sobre o jornalismo da Rádio Imperatriz AM verifica-se o empenho dos profissionais da rádio em investir no jornalismo e enfrentar problemas, como os constrangimentos organizacionais, os embates políticos e a censura governamental.

Considerações

O uso da memória foi fundamental para verificarmos o jornalismo na Rádio Imperatriz Sociedade Limitada. Pôde-se perceber que a primeira emissora de Imperatriz assumiu um compromisso primordial de levar aos ouvintes informações de interesse público.

As narrativas revelam momentos em que os jornalistas se arriscavam em busca da notícia, em consequência disso foram ameaçados e vítimas de atentados. Os desafios superados, a dedicação dos jornalistas e do proprietário da rádio colaboraram para fortalecer o jornalismo na emissora.

Em meio a uma estrutura precária, havia um esforço por parte dos jornalistas de cobrir as pautas dos temas sobre o cotidiano a serem abordados durante a programação. A rádio serviu como uma escola para a maioria dos comunicadores, que hoje trabalham nos meios de comunicação da cidade.

O empenho em transformar a emissora em referência no jornalismo foi visível nos olhos dos entrevistados durante a pesquisa. Trabalhar na Rádio Imperatriz fez parte dos desejos dos comunicadores daquela época, o que se concretizou efetivamente na trajetória de vários deles.

²² CARDOSO, Marcelo Rodrigues. Entrevistadora: Nayane Brito. Imperatriz. Entrevista concedida às alunas da UFMA-Campus II, 2010.



Referências

- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros jornalistas: os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-arte, 1992.
- BURK, Peter. **Variedades da história cultural**. Tradução de Alda Porto. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- FERRERETTO, Luiz A. **Rádio: o veículo: a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2001.
- GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5. Ed. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- MEDISTSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radijornalismo**. 2. ed. Revisada. Florianópolis: Insular, ED da UFSC, 2007.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisada**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1985.
- PINHEIRO, Roseane A.. **Nas ondas da pioneira**. Jornal O Estado do Maranhão, São Luís, p. 3, 2 de janeiro de 2005. Caderno Alternativo. Série: história e imprensa.
- SANCHES, Edmilson. **Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos: 1852 – 2002**. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003.
- SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias seus efeitos**. Coimbra: Minerva Editora, 1999.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Tradução de Antonio José da Silva Moreira. Edições 70. Lisboa –Portugal: 1971.